

APRESENTAÇÃO

A revista **VERBO DE MINAS: letras**, que ora vem a público, reúne dois números que cumprem o objetivo de fazer circular reflexões e resultados de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, além de acolher importante contribuição de autores nacionais.

Faz trinta anos que Clarice Lispector morreu, deixando extensa e refinada bibliografia. Prestando-lhe homenagem, a revista **VERBO DE MINAS** dedica-lhe este décimo primeiro número. Estreando como escritora, em 1943, com o romance **Perto do coração selvagem**, texto marcado por uma visão existencialista e pessoal do drama de viver, Clarice passou por turbulências que chegaram ao paroxismo com um incêndio em que correu risco de morte e quase perdeu a mão direita, seu instrumento de trabalho.

Conta-se que Otto Lara Resende, conhecido escritor, em bate-papo com José Castello, encarregado de entrevistá-la para um jornal, teria feito a seguinte advertência: "Você deve tomar cuidado com Clarice. Não se trata de literatura, mas de bruxaria." Para se ler Clarice é preciso haver uma iniciação, é preciso ir além da máscara para tentar decifrar o enigma, é preciso entrar na personagem Clarice. Para corroborar esse ponto de vista, tomemos a passagem da crônica "A descoberta do mundo", onde a escritora afirma: "O personagem leitor é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que inteiramente individual e com reações próprias, é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor."

Por conseguinte, nada melhor, para traçar um esboço de personalidade tão mágica, do que as próprias palavras dessa brasileira, rebatizada Clarice, *née* Haia Lispector, ucraniana de nascimento, nesses versos que lhe marcam a profunda solidão, força e espelho de sua personalidade:



Meu Deus, me dê a coragem
de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites,
todos vazios de Tua presença.
Me dê a coragem de considerar esse vazio
como uma plenitude.
Faça com que eu seja a Tua amante humilde,
entrelaçada a Ti em êxtase.
Faça com que eu possa falar
com este vazio tremendo
e receber como resposta
o amor materno que nutre e embala.
Faça com que eu tenha a coragem de Te amar,
sem odiar as Tuas ofensas à minha alma e ao meu corpo.
Faça com que a solidão não me destrua.
Faça com que minha solidão me sirva de companhia.
Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar.
Faça com que eu saiba ficar com o nada
e mesmo assim me sentir
como se estivesse plena de tudo.
Receba em teus braços
o meu pecado de pensar.

São oito os ensaios apresentados neste número da revista **Verbo de Minas** sobre a obra de Clarice. Três desses ensaios estão centrados em *Laços de Família*. Gilberto Mendonça Teles, em “Os laços e suas margens”, destaca figuras femininas densas e problemáticas, recorrentes em seus contos; Telma Borges, em “A caosmogonia do amor em Clarice Lispector”, reflete sobre os imponderáveis limites entre o caos e o cosmo na vida de Ana, personagem do conto “Amor”; e eu, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, nesse mesmo conto, faço uma abordagem da figura do passante no jogo estabelecido entre sujeito e objeto, observado no espetáculo da multidão, levando à mudança de comportamento e à eclosão do lado perverso da personalidade da protagonista.

Osmar Pereira Oliva, em “Clarice e Rosa – nas brumas da infância reinventada” discute as representações da infância em contos de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, a partir das relações familiares, do medo e da descoberta da sexualidade.

Os ensaios restantes dividem-se entre romances e crônicas da autora aqui homenageada. Teresinha Zimbrão, em “A Alquimia do amor: **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**” propõe uma leitura alquímico-junguiana do texto. Em “O traçado e a entrelinha”, Lúcia Helena tece reflexões



sobre a obra dessa escritora, especialmente sobre os romances, destacando a criação das densas e conflituosas personagens e a linguagem, em que habita uma força repleta de magia. Em “A verdade e as tartarugas”, Rodrigo Guimarães busca rastrear a prosa-poética de Clarice, a partir dos *operadores textuais* que promovem a desestabilização dos códigos lingüísticos e filosóficos, mediante procedimentos operados na materialidade da linguagem, centrando essa pesquisa **A paixão segundo G.H., A maçã no escuro e Água viva.**

Encerrando esse conjunto de ensaios sobre a obra clariceana, Nícea Nogueira em “A crônica de Clarice Lispector em diálogo com sua obra literária” avalia o diálogo textual entre as crônicas e a obra da autora, investigando os aspectos específicos que configuram a complexidade do texto, na tênue transição do jornal para o livro, atenta à liberdade criadora da cronista na construção de sua escritura.

São, ainda, publicados, neste número, ensaios que fogem à temática proposta, mas valorizam o conteúdo da revista, com reflexões lúcidas e pertinentes sobre os temas destacados pelos pesquisadores aqui relacionados: “Lírica e máquina, cidade e mito: mutações da cena urbana entre João do Rio e Oswald de Andrade”, de Fernando Fábio Fiorese Furtado; “No arquivo de Glauber Rocha – roteiros, cruzamentos, desvios”, de Marília Rothier Cardoso; “Literatura, televisão, globalização, transdisciplinaridade e internet”, de Pedro Pires Bessa; “Ferreira Gullar e a palavra poética”, de Thereza da Conceição A Domingues e “Orality in “Grande Sertão: Veredas”, de William Valentine Redmond..

A seção de **Recensão Crítica**, apresenta um texto de Christine Ferreira sobre **Metafísica dos tubos**, da escritora belga Amélie Nothomb, lançado no Brasil em 2003, pela Record. Agradecemos a todos os que nos enviaram trabalhos, reforçando as linhas de pesquisa do Programa de Mestrado em Letras do CES/JF, com área de concentração em Literatura Brasileira, contribuindo, pelo brilho dos ensaios enviados, pelas reflexões levantadas, para torná-las mais fortes nos meios acadêmicos.

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira
Comissão Executiva

